

POSSIBILIDADES DO DIÁRIO ÍNTIMO
NO *ROMANCE LUMINOSO*, DE MÁRIO LEVRERO

Dr. MARCELO BARBOSA ALCARAZ
Faculdades São Braz
Curitiba, Paraná, Brasil
marceloalcaraz1969@gmail.com

RESUMO: Este artigo problematiza o gênero diário íntimo no *Romance luminoso*, narrativa do autor uruguaio Mario Levrero, bem como a impossibilidade de escrever um romance após o recebimento da bolsa Guggenheim. Informa-se que este diário é um prólogo imenso do *Romance luminoso*. Ainda, trata-se de uma prática ocidental complexa que, de certo modo, legitima socialmente a existência dos sujeitos, possibilitando também um “olhar-se no espelho”, em um movimento de subjetivação. O diário íntimo normalmente é avaliado como uma escrita cotidiana, burocrática. Contudo, a partir dessa escrita mais burocrática, na qual se registram fatos banais que comumente constituem um diário, encontram-se outros elementos que ampliam suas possibilidades, principalmente a consciência da trajetória pessoal e a escolha pela literatura como um exercício cotidiano de liberdade.

Palavras-chave: Literatura latino-americana. Escritas de si. Diário íntimo.

Artigo recebido: 31 maio 2018.
Aceito: 12 jun. 2018.

POSSIBILITIES OF THE INTIMATE DIARY IN *BRIGHT NOVEL*, BY LEVRERO

ABSTRACT: This article problematizes the intimate diary genre in *Bright Novel*, written by the Uruguayan Mario Levrero (2008), while reflecting on the impossibility of writing a novel after obtaining a Guggenheim Fellowship. It is worth mentioning that this diary constitutes an extended prologue of *Bright Novel*. Furthermore, the intimate diary is a complex Western practice that, in a certain way, not only socially legitimizes the existence of the subjects, but also enables a look in the mirror in a subjective movement. The intimate diary is generally considered an ordinary writing process, almost bureaucratic. However, within this bureaucratic writing in which mundane events, that commonly constitute a diary, are recorded, other elements can be detected that expand its possibilities, especially an awareness of personal journey and the option of literature as an everyday exercise of freedom.

Keywords: Latin American Literature. Self Writing. Intimate diary.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é descrever e problematizar o gênero diário íntimo na obra *O romance luminoso* (2018), de autoria do uruguaio Mario Levrero. O gênero, vinculado inicialmente ao autoexame e aperfeiçoamento moral do cristão, serviu posteriormente como um registro das contabilidades e variadas anotações nos chamados *Livres de Raison* franceses.

O texto é marcado por frases precisas, bem construídas, distante da natureza provisória de muitos diários íntimos. Inicialmente, é anunciado pelo próprio narrador como um texto que antecede a recriação de uma outra obra, que se chama *O romance luminoso* (2018), no entanto pode funcionar com um texto autônomo, independente.

Entretanto, ressalta-se que não se trata de um caso definitivo na história da literatura, tendo em vista os diários de André Gide (2013) ou de Witold Gombrowics (2005), por exemplo. Esses apresentam esse caráter cuidadoso, de quem não deseja escrever apenas para si, mas com a ambição de uma interlocução com o público.

É um diário que também acolhe todos os gestos do cotidiano, pois é o gênero que, segundo Philippe Lejeune (2008), tem esse enfrentamento com a fugacidade da vida, com o dissipar das horas, por isso, o que não parece importante ao comum dos mortais, estará registrado nessa escrita de si.

VIDA E OBRA

No entendimento do escritor e crítico uruguaio Angel Rama, Mario Levrero é um caso “raro” (RAMA, 1966, p. 09), um autor que, por suas características inventivas e estéticas, participaria de um rol de escritores que não foram absorvidos pelo chamado *boom* latino-americano, mas nem por isso foram considerados menos talentosos ou menos engenhosos em seu fazer literário.

Levrero nasceu com o nome de Jorge Varlotta, morou em Montevideu e Buenos Aires, e teve uma vida regida pela inconstância profissional. Inovador e habilidoso, exerceu várias profissões em uma vida marcada por adversidades. Dentre os mais variados trabalhos exercidos, dirigiu uma revista de palavras-cruzadas

Acrescenta-se que, mesmo sendo cada vez mais apreciado pela crítica e pelo público do nosso continente, bem como da Europa, a recepção da obra de Levrero no Brasil ainda é recente e precária. Há apenas duas obras traduzidas, *Deixa comigo* (2016), publicado pela editora Rocco, e *Romance luminoso* (2018), lançado somente neste ano pela Companhia das Letras, depois de uma década da publicação original. Em alguns países hispânicos, sua literatura está sendo estudada e prestigiada e seus livros contam com bons leitores e críticos que dedicam à obra do autor um valor de culto.

Em sua fase inicial, produziu a chamada *Trilogia involuntária* (2017), agrupamento de textos constituídos pelas obras *La Ciudad*, *Paris* e *El lugar*. Nessa fase, o autor estava preocupado com as fantasmagorias urbanas e com a solidão nas grandes cidades, apresentando matizes kafkianos.

Nas obras ficcionais *O romance luminoso* e *Diário de um canalha*, há uma investigação de um eu cujo universo espiritual é fomentado por um conflito: o da impossibilidade da própria escritura. Em *Diário de um canalha*, tem-se a confissão de um escritor que já não escreve como gostaria porque se encontra limitado por contingências, tais como dinheiro e trabalho. Ainda, essa obra é o retrato de um escritor que trabalhou em Buenos Aires e começa a se afastar cada vez mais da literatura, fato que coincide com a experiência biográfica de Levrero na capital portenha.

Tanto o *Diário de um canalha* como *O romance luminoso* são escritos permeados pela procrastinação, registro de que algo fundamental deixou de ser realizado, sendo obliterado pela escrita de um diário íntimo.

A obra *Romance luminoso* foi realizada com o auxílio de uma bolsa Guggenheim, fato que é mencionado com frequência na narrativa. A bolsa, concedida a autores e artistas que já possuem uma carreira consolidada,

objetivava, inicialmente, a produção de um romance, entretanto acabou redundando na produção de um diário, intitulado *Diário da Bolsa*.

Trata-se de um extenso processo de descrição das horas, dos dias e, frequentemente, dos minutos da vida do autor. Tais elementos aparecem em cada nova entrada do diário. Não por acaso, aparecem no início de cada dia, também, a hora e o minuto, elementos que normalmente não são registrados nos diários íntimos.

Esses “nadas”, somados, constituem o *Diário da Bolsa*, e somente eles podem ser considerados a obra, seja qual for o gênero a que se queira designá-la: diário, romance, arquivo, autobiografia. Tudo aparece como tema no diário de Levrero: a dificuldade para dormir, os horários desajustados das refeições, a síndrome do pânico, os medicamentos, as leituras de novelas policiais, o gosto pela pornografia, bem como as oficinas de literatura ministradas na internet.

Levrero pode se avizinhar do conceito de que Blanchot elaborou em seu ensaio *O diário íntimo e a narrativa* (BLANCHOT, 2005) como “A armadilha do diarista”. Ao analisar alguns diaristas que se dedicaram ao gênero durante a história, Blanchot relata a armadilha do diarista. O crítico francês analisou e destacou a obra do francês Amiel que, ao escrever seu caudaloso diário íntimo, estava, ao mesmo tempo, impossibilitado para a vida e para a literatura, pois escreve sobre si próprio durante muito tempo, não escrevendo uma obra nem vivendo a vida. A conceituação de Blanchot não se aplica completamente ao caminho literário de Levrero, que produziu uma obra instigante e original desde a publicação da *Trilogia involuntária*, e pode ser relativizada, caso considere-se que o diário íntimo também possa ser avaliado como obra literária.

O LIVRO POR VIR

O diário de Levrero é a estória escrita de um livro não construído. Também é o testemunho de um naufrágio, uma narrativa que dissecou passo a passo um fracasso.

Contudo, essa obra gerou outra narrativa, quase inclassificável, distinta do projeto original, mas não menos importante: o *Diário da Bolsa*. O ato da escrita em si é, de certo modo, o mantenedor de uma identidade, de um modo de ser no mundo e o confrontar-se com a irreversibilidade do tempo. Um elogio à liberdade e às idiosincrasias de um indivíduo que considera a importância de ter escolhido a literatura.

O projeto da bolsa Guggenheim deveria contemplar a finalização de um romance iniciado quinze anos antes, chamado *La Novela Luminosa*. O *diário da Bolsa* surge à revelia como um substituto desse projeto original. A reescrita

do romance torna-se cada vez mais problemática, terminando por fracassar completamente. Durante a tentativa de escrita e da impossibilidade de efetivá-la, a narrativa dá vazão ao relato de um cotidiano problemático, no qual o escritor Levrero, que enfrentava um série de restrições materiais, consegue amenizar algumas dessas questões com o ganho da bolsa. No caso, a compra de um par de poltronas em um apartamento sem mobília, por exemplo, ganha destaque em seu diário:

“Uma das primeiras coisas que fiz com esta metade do dinheiro da bolsa foi comprar um par de poltronas. No meu apartamento não havia a menor possibilidade de sentar para descansar; faz anos que organizo minha casa como escritório” (LEVRERO, 2018, p. 22.)

O escritor envereda, por mais das quatrocentas páginas do seu extenso diário, justificando, constatando e até mesmo ironizando seu fracasso e sua própria situação de bolsista: “A esse cara deram um monte de dinheiro para que jogue golf e se divirta com o Visual Basic?” (LEVRERO, 2018, p. 47). Tanto o diário desse fracasso chamado *Diário da Bolsa* quanto o romance inconcluso intitulado *O romance luminoso* são publicados postumamente pela primeira vez em 2008.

Gregório Maraño (MARAÑO, 1978), dissertando a respeito de seu livro *Amiel*, apontou que o diário em um homem adulto correspondia a uma espécie de suicídio. Em Levrero não se fala do suicídio explicitamente, mas de uma vida que se tornava minguada e que se recolhia, também sobre algo que se deve olhar mais com humor e ironia do que complacência.

O diário (ARFUCH, 2010) cumpriu desde o início uma função de autoanálise, presente no gênero desde os primeiros diaristas modernos, religiosos protestantes que apregoavam a sua prática como um modo de se examinar as atitudes cotidianas e promover uma mudança de atitude. Em seu diário ele descreve a depressão, o pânico, os hábitos irregulares de sono e a alimentação. O vício na internet, a pornografia e os jogos tomam muito tempo do escritor e o impedem de concluir a sua obra. Dessa forma, é um fracasso consciente, matizado pela ironia.

Em seu diário ocorre esse autoexame, contudo, o escritor não deseja modificar seu comportamento a partir desse procedimento. Por meio do diário, ele relata uma série de comportamentos que atrapalham o seu dia a dia, o principal deles, certamente, é o vício no computador, que o leva frequentemente a dormir muito tarde. No entanto, ao iniciar um contato por *e-mail* com um psiquiatra, este envia para o escritor um questionário, assim, Levrero chega à seguinte conclusão: “Já vi como era a coisa: terapia para pedreiros, funcionários de escritório e executivos. Se você não se encaixa em qualquer uma dessas categorias é porque está louco. Algo não está certo com você se você é uma pessoa livre” (LEVRERO, 2008 p. 32).

Em seu texto, além de fazer frequentes escusas para si próprio, há também um espaço para a crítica e para a liberdade. Ainda, há na identificação do sentimento de liberdade, a qual norteou toda a sua vida, a origem de vários problemas financeiros, também as virtudes que o acompanharam durante toda a vida. Como ele ironizou na citação referida, o seu caso pessoal não cabe em nenhum tipo de terapia, e sua indisciplina deveria ser encarada mais como idiossincrasia do que patologia.

ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS DO GÊNERO

O diário, prática ocidental que ganhou força a partir do século XVI, tem um dos seus fundamentos em um novo modo de vivenciar a intimidade no mundo ocidental. Segundo o célebre estudo *História da vida privada*, a intimidade não é um dado natural da cultura, mas uma conquista lenta e progressiva no imaginário ocidental.

Um dos fatores que engendraram essa nova subjetividade é o surgimento de uma nova arquitetura nos lares europeus, principalmente na França e na Inglaterra burguesas. Nesses países, a posse de um quarto próprio, o tempo livre gasto consigo mesmo dentro da própria casa ou no jardim, em boa companhia, tudo isso possibilitou o nascimento de uma nova subjetividade. Alguns espaços domésticos tornaram-se particularmente propícios para a busca de si mesmo (CHARTIER et al., 2010). Nesses ambientes, o ser humano exerceu com mais profundidade a atividade da escrita, da conversação e da meditação, examinando o seu dia, lendo e refletindo sobre seus atos, decidindo o que valeria ou não a pena ser fixado no papel.

Um dos meios importantes na fixação da nova subjetividade foram os *Livres de Raison*, um protótipo do diário moderno feito por pessoas comuns na França, que configura uma espécie de contabilidade feita pelas pessoas que gostariam de deixar registrados os mínimos atos do seu cotidiano, incluindo listas de gastos e despesas. São também forjadores do diário íntimo moderno. Normalmente, tais escritos não são considerados literatura: “Livro da vivência sensorial, da audição, do tato, ainda que figurem notas fragmentadas e raras” (CHARTIER et al., 2010, p. 335). Esses textos constituem um importante registro histórico porque, por meio de sua leitura, os estudiosos das mais diferentes épocas podem resgatar as nuances e as idiossincrasias do cotidiano vivido. Contudo, apesar de vincularem mais ao fragmentário e ao utilitário e menos à narrativa, os *Livres de Raison* legaram ao diário íntimo o gosto pela sensorialidade, a atenção aos gestos e a coisas diminutas, quase sempre direcionadas ao esquecimento.

O Diário da Bolsa, se for compreendido como prólogo do Romance Luminoso, talvez seja um dos mais longos textos introdutórios da história da literatura, pois é uma narrativa na qual prevalece uma minuciosa investigação sobre os vícios, as esperanças, as frustrações, o desespero e as idiossincrasias presentes no cotidiano do autor uruguaio, contemplado no ano 2000 com a prestigiosa bolsa Guggenheim

Informa-se que a Bolsa Guggenheim é um financiamento dado anualmente pela fundação John Simom Guggenheim a profissionais das artes com carreira consolidada, podendo ser residentes tanto nos Estados Unidos e Canadá como na América Latina e Caribe. O dinheiro é liberado para artistas que objetivam iniciar ou finalizar algum trabalho artístico.

O dinheiro da bolsa melhorou o padrão de vida do escritor Levrero, ajudando-o a comprar móveis e utensílios domésticos, constantemente mencionados em seu diário, contudo não debelou suas dificuldades existenciais gerais. Além disso, no diário também é reavaliada a precariedade com a qual o escritor lutou durante tanto tempo, com empregos esparsos e mal remunerados, marcas indelévels em seu cotidiano:

E, notei que as pessoas que não me conhecem me olham com um certo desgosto, já que é uma barba desleixada. E, como não tenho o costume de me vestir bem, minhas roupas estão um pouco gastas e sujas, parece que, de forma geral, apresento a imagem de um velho mendigo. Achei divertido comprar as poltronas, por exemplo, já que, a princípio, os vendedores não estavam muito entusiasmados. Eu parecia mais um mendigo que queria se sentar comodamente com a desculpa de experimentar poltronas. (LEVRERO, 2018. p. 61)

Esse trecho relata bem o modo como Levrero preenche as páginas de seu diário, situações cotidianas que aparentam pouca importância, mas no suceder do texto acabam desenhando uma estética da obra, uma forma de narrar voltada para o cotidiano, em que o fato menos importante obtém relevância.

O diário do autor uruguaio se aproxima de uma certa tendência estética contemporânea, segundo Leonor Arfuch (2010) vive-se hoje a época dos pequenos relatos, das micronarrativas. Ao contrário da idealização comumente encontrada nas biografias de personalidades famosas, sua escrita possui uma incomparável honestidade, na qual suas compulsões, vícios e paixões são narradas como a obsessão em comprar novelas policiais, ou tomar antidepressivo para diminuir a vontade de fumar.

Segundo Lejeune (2008) uma das marcas do diário íntimo é um espaço de análise, uma apreciação de si mesmo que pode abarcar nossas contradições:

No diário, o autorretrato nada tem de definitivo, e a atenção dada a si está sempre sujeita a desmentidos futuros. A aventura do diário é, portanto, muitas vezes vivida como uma viagem de exploração, ainda mais que esse conhecimento de si não é simples curiosidade, mas condiciona a continuação da viagem: é preciso escolher e agir. (2008, p. 304)

O autor realiza análises constantes de suas limitações e fraquezas e brinca com suas certezas, tratando-as quase sempre de forma irônica, sem se preocupar em diminuir ou modificá-las. Trata-se de um diário de um contumaz procrastinador que não tem energia ou vontade para romper com padrões valorados socialmente como negativos.

Autoconsciente da cotidianidade encontrada em seu diário, da quase nulidade dos temas, ele se ocupa em melhorar o estilo do seu diário para, quem sabe, chamar a atenção de um eventual leitor para o seu texto. No caso, a publicação é mais uma possibilidade para seu diário. *O romance luminoso* torna-se uma autobiografia involuntária, pois não foi planejada. Desse modo, a experiência do texto substituir a escrita da novela é pela primeira vez colocada em questão:

Teria que corrigir um pouco o estilo, conferir um pouco de densidade a ele, muitas coisas que são contadas e às vezes uma frase fala demais. E como se trata sempre de coisas triviais, se não há encanto com o estilo não resta nada. Veremos o que faço, por enquanto nada, exceto seguir adiante, seja como seja. (LEVRERO, 2018, p. 168)

Ao invés de obra improvisada, o diário pode ser melhorado, não sendo apenas um prólogo, mas a obra principal, a única escrita possível para um escritor que já consumou a sua criação e sente que o tempo lhe foge. Sobre a fragmentação do diário, trata-se de uma forma que permite a narrativa de um universo humano simples e cotidiano, nesse caso, é o que melhor convém ao escritor. Assim, de certo modo, é uma maneira de incutir alguma disciplina e beleza em um momento de poucas realizações.

Mesmo o diário tendo sido avaliado historicamente como um gênero menor, Blanchot caracteriza esse tipo de escrita com uma tentativa de beleza. Essa avaliação está em consonância com a insurgente intenção de Levvero, pois este pretende melhorá-lo constantemente.

Sobre a escrita do diário, escreve Blanchot:

A ambição de eternizar os belos momentos e mesmo de fazer da vida um bloco sólido que se pode abraçar com firmeza, enfim a esperança de, unindo a

insignificância da vida com a inexistência da obra, elevar a vida nula à bela surpresa da arte, e arte informe à verdade única da vida. (BLANCHOT, 2005, p. 274)

Ao escrever seu diário, Levrero está criando um entrelaçamento entre vida e escrita, transformando o prosaísmo, muitas vezes caótico e sem sentido do seu cotidiano, em escrita que o próprio autor julga encontrar um potencial literário. Contudo, a recuperação do dia que passou não se limita aos momentos belos e, além disso, qualquer tipo de epifania existencial é rara em Levrero. O autor se agarra a tudo que circula diante de seus olhos, seja livro, pessoa, jogos de computador, pornografia, romances biográficos, ou novelas policiais.

Ainda sobre a escrita do diário, essa atividade cotidiana autoimposta, a pesquisadora Sibila avalia algumas dificuldades nos dias que correm:

Tudo o que passou já terminou, parece constatar esta nova perspectiva: alguma vez houve um passado, mas já não há mais. Agora desapareceu - ou pelo menos, perdeu seu antigo sentido. Não é casual que essa impressão de começo absoluto que marca a contemporaneidade coincida com o assentamento da tecnociência como um tipo de saber hegemônico. (SIBILA, 2008 p.123)

Para Levrero, o dia passado tem um interesse menor e o escritor tenta apreender o dia presente com o máximo de acuidade e precisão. Seu texto incorpora um sentido de começo absoluto, assim, em suas considerações críticas Sibila afirma que *O diário da Bolsa*, prólogo do *Romance luminoso*, norteia toda a obra. Não há em seu diário uma apreciação da trajetória do escritor Mário Levrero, pois em poucos momentos tem-se a dimensão de sua biografia, assim, o leitor mergulha com ele nas miudezas e angústias de seu cotidiano.

Ao escrever e dar conta de um único dia, de fazer coisas simples como uma caminhada ao boliche, ou degustar um prato de comida preferido como as milanesas. Ainda, a visita da médica ou de uma amiga, a correção dos textos da oficina literária. O cotidiano, aparentemente sem acontecimentos relevantes, segundo Certeau, foi refutado pela racionalização tecnológica:

Essas maneiras encontram aí um novo espaço de representação, o da ficção, povoado por virtuosidades cotidianas das quais a ciência não sabe o que fazer, e que se tornam bem reconhecíveis para os leitores, as assinaturas das micro-histórias de todo mundo. A literatura se muda em repertório dessas práticas desprovidas de *copyright* tecnológico. (CERTEAU, 2008, p. 142)

O cotidiano, na análise de Certeau, encontra um espaço privilegiado de representação na literatura, e acrescenta-se que o cotidiano tem uma função constituinte do diário, tanto pela fragmentação estética quanto pelas motivações temáticas, o que não importa mais socialmente, pois diz respeito a uma experiência privada e improdutiva. E é de suma importância na escritura do diário íntimo: “Cada dia anotado nos diz alguma coisa. Cada dia anotado é um dia preservado. Dupla e vantajosa operação. Assim vivemos duas vezes. Assim, protegemo-nos do esquecimento de não ter nada a dizer” (BLANCHOT, 2005, p. 273).

O escritor tem tempo de escrever e seu diário acaba sendo sua atividade principal. A tentativa de reescrever a novela luminosa nos anos 2000 fracassou, no entanto, ele escreveu um extenso diário em que prevalecem suas idiossincrasias, como a dificuldade para dormir, sua aversão à multidão, a falta de dinheiro, a própria dificuldade em reescrever a novela e a barba, eternamente por fazer: ‘É uma barba indesejada, não cultivada, descuidada. E além disso me agarrei ao tique de revirar os pelos da barba com os dedos (LEVRERO, 2018, p .58).

O diário em si mesmo não é um projeto pensado, mas é o resultado de uma impossibilidade: a escrita do chamado *Romance luminoso*. Seguir escrevendo-o é uma forma de não se entregar a uma total ausência de produtividade. Assim, escrevê-lo, de certo modo, também é um meio de afastar-se de seu projeto principal, a escrita do romance: ‘Creio haver avançado algo, e este diário em si mesmo é uma conquista. Não estou escrevendo nada que valha a pena, mas estou escrevendo (LEVRERO, 2018, p. 44).

Tal escrita não deixa de ser um sentido, algo que não justifica sua bolsa perante os seus pares. Não sendo o objetivo da bolsa, seria, pelo menos, a reflexão sobre a impossibilidade de atingi-lo. No diário, pensa-se que não se faz nada, e há pelo menos alguma coisa, no entendimento de Blanchot (BLANCHOT, 2005). A escrita é uma espécie de necessidade do homem ocidental, é uma forma de legitimá-lo socialmente. Geralmente, qualquer tipo de fomento outorgado a alguém obedece a um rigoroso contrato, e qualquer uma das partes que não cumpre seu papel está sujeita a sanções. A escrita do diário é, de algum modo, uma forma de resposta social, mesmo que seja irônica, contraditória e afetiva ao fomento dado.

SÍSIFO NO SKYPE

Em uma terça-feira, dia 8 de setembro do ano de 2000, Mário Levrero escreve às cinco horas da manhã esse trecho em seu diário com temas que se repetem em muitas outras passagens do seu escrito.

Vieram alguns. Leram trabalhos excelentes. Todos escrevem melhor que eu. Fico satisfeito. Embora seja uma pena que não se dedicarão à literatura, parece que se conformaram em escrever para a oficina. Bom. Não há nada que eu possa fazer. Como de costume, oficina, Sísifo, a roda que roda, etc. São cinco da manhã. Joguei muitas partidas; já não tenho cem por cento, mas um horroroso noventa e cinco por cento; Duas partidas perdidas em quarenta e quatro. Nada mal, mas qual é a importância. Também naveguei pela internet. Japonesas. Vídeos Pornôs. Gasto de telefone. (LEVRERO, 2018, p.120)

A rotina de Levrero é, nesse período da bolsa, uma descrição de todos os aspectos de seu cotidiano, já que a escrita da obra não é realizada, pois seus vícios e comportamentos cotidianos ocupam parte central no diário. As ações descritas na citação referida repetem-se ao longo de todo o diário, como um longo e rotineiro subir e descer da montanha. O próprio autor reconhece tal circularidade presente em seu cotidiano e menciona repetidas vezes o mito grego de Sísifo, seja para descrever suas oficinas literárias feitas *on-line*, seja para mencionar seus divertimentos que o levam a permanecer acordado madrugadas inteiras.

Em um outro momento, ele se vale ironia anteriormente mencionada para avaliar sua situação. A ironia pode apontar não para uma mudança de comportamento como a esperada no autoexame cristão, mas para enfatizar que o diário que está sendo construído é uma obra em si mesma, no caso, completa. Nesse movimento envia uma mensagem ao senhor Guggenheim:

Prezado senhor Guggenheim, espero que esteja consciente dos esforços registrados nesse diário para melhorar meus maus hábitos, pelo menos alguns deles, ao menos na medida em que me impedem de me dedicar plenamente ao projeto de escrever, esse romance que o senhor generosamente financiou. O senhor pode ver que faço tudo o que está humanamente ao meu alcance, mas tropeço de vez em quando contra esse monte de escombros, que eu mesmo certa vez derrubei no meu caminho. É necessário remover totalmente esses escombros para poder continuar andando. (LEVRERO, 2018, p. 109)

Como já mencionado, o autoexame, tendo em vista que se trata de pessoa laica, não o leva necessariamente a qualquer tipo de mudança, até porque Levrero termina compreendendo que os seus vícios e suas atitudes antissociais são parte intrínseca de sua personalidade livre. E que quando se submeteu a qualquer tipo de imposição social teve como contrapartida um sofrimento elevado. Assim, seu diário passa a ser seu espelho, no caso, os fragmentos dos escombros referidos, e não a tentativa de modificá-los.

Outro exemplo dos conflitos e das contradições do autor também se reflete em outro escrito autobiográfico, ainda inédito em nosso idioma, chamado *Diário de um canalha* (LEVRERO, 2013). Nesse texto, o escritor

uruguaio inaugura o conflito entre a vida, a luta pela sobrevivência e a impossibilidade da literatura; o canalha do título é o próprio Levrero, que em vez de produzir literatura, emprega-se em Buenos Aires como um editor de revistas de palavras-cruzadas. Nesse diário, há uma descrição pormenorizada de seu afastamento da literatura e do emprego na revista de palavras-cruzadas.

Em ambas as obras, o autor faz o elogio da autenticidade, de um projeto de literatura livre de imposições sociais. No entanto, as contingências materiais fazem com que ele aceite condições que são propícias à rotina, como um emprego burocrático e a aceitação de uma bolsa que o obriga a escrever.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diário de Levrero, além de ser um espaço rico de possibilidades, é também um texto inovador ainda pouco conhecido da literatura latino-americana e pode ser compreendido de muitas maneiras. Entende-se que se trata de uma solução criativa para a impossibilidade de se cumprir um contrato, o que acabou se transformando em uma obra maior que o projeto inicial: a escrita de um romance chamado *O romance luminoso*.

A obra parte de registros clássicos do gênero: registro dos dias e até das horas, sensação de impotência diante da irreversibilidade do tempo, contudo não se restringe a esses elementos.

O diário da Bolsa é uma pequena história do cotidiano que reflete o que ele tem de circular e inconsciente, indisciplinado e criativo, pois o cotidiano não costuma ser valorizado pelas chamadas ciência sérias e positivas.

Ressalta-se ainda que *O diário da Bolsa* desconstrói a noção do diário íntimo como um gênero simplista, aparentemente composto por banalidades, pois produz reflexões contundentes e inusitadas sobre a literatura e o fazer literário de um grande escritor uruguaio. Ao mesmo tempo, é um texto desprezioso e bem construído. Essa obra que precede *O romance luminoso* abarca um texto que se aproxima de algumas dimensões das escritas de si, como a fixação do tempo e das horas e os movimentos mínimos do cotidiano, como aqueles relatados nos primeiros *Livres de Raison*. No entanto, ele expande a percepção sobre as escritas de si, aproximando-as de forma inédita do diário íntimo de uma obra acabada, enfim, da ficção com mais recursos estéticos e literários.

REFERÊNCIAS

ARFUCH, L. *O espaço biográfico: Dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.

ALCARAZ, Marcelo Barbosa. Possibilidades do diário íntimo no *romance luminoso*, de Mário Levrero. *Scripta Uniandrade*, v. 16, n. 1 (2018), p. 157-169.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 30 jul. 2018.

- BLANCHOT, M. *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CAMUS, C. *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2010.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*.1. Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CHARTIER, R. et al. (Orgs). *História da vida privada*. v. 1 a 5. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.
- GIDE, A. *Diario*. Barcelona: Alba editorial, 2013.
- GOMBROWICS, Witold. *Diario*. Madrid: Seix Barral, 2005
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico*. Trad. Jovita Noronha e Maria Inês C. Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.
- LEVRERO, M. *La Novela Luminosa*. Barcelona: Mondadori, 2008.
- _____. *Diário de um Canalha*. Barcelona: Mondadori, 2013.
- _____. *Trilogia Involuntária*. Barcelona: Mondadori, 2006.
- _____. *Fica Comigo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.
- _____. *O romance luminoso*. São Paulo: Cia. das Letras, 2018.
- MARAÑÓN, G. *Amiel*. Madri: Espasa- Calpe. 1978.
- RAMA, A. *Aqui, cem anos de raros*. Montevideo: Arca, 1966.
- SIBILA, P. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MARCELO BARBOSA ALCARAZ é pós doutor pela Univerisdade do Minho, Portugal. Realizou estudos sobre o silêncio e a solidão nas escritas de si, na área de Filosofia, sob supervisão do Professor catedrático Alberto Filipe Araújo, do qual deriva este artigo. É professor de Literatura na pós-graduação da Faculdade São Braz em Curitiba. Dentre seus principais trabalhos estão a publicação do livro *O imaginário da solidão nos espaços biográficos* (Editora Poesias Escolhidas) e a obra ficcional *Senhor Z* (Editora Inverso). Em 2017 foi pensador-residente da editora Galega Axòuxère, em Riancho-Espanha. Publicou artigos acadêmicos, prefácios e capítulos de livros. Destacam-se o capítulo: “O ensaísmo glissantiano como opção decolonial”, no livro *O ensaio negro ibero americano em questão: apontamentos para uma possível historiografia*. Curitiba: UFPR-SCHL.